

RESQUÍCIOS DE REALIDADE

Aluno: Paula Iglesias de Andrade

Orientador: Miguel Pereira

Introdução

O estudo que estamos realizando tem como tema as *Estéticas do Real no Cinema Brasileiro Contemporâneo*, e como foco, filmes que representam alguns formatos de relacionamentos sociais que parecem também estar presentes no mundo real. A partir dos filmes *Era uma vez*, Breno Kuperman, e *Quase dois irmãos*, de Lúcia Murat, fazemos uma análise das relações possíveis entre o cinema e o mundo real. E como os relacionamentos amorosos entre personagens da favela e do asfalto são destacados por essas narrativas que tentam se aproximar da vida real.

Objetivos

Analisar como o cinema contemporâneo brasileiro relata a relação “asfalto e comunidade”. Estudar também quais são esses tipos de relacionamento, como ocorrem e como são abordados pelo cinema. Além de discutir a questão de até onde o cinema pode ir para retratar a realidade cotidiana.

Metodologia

No início dos estudos, selecionamos filmes que narram dramas de caráter social, para que fosse possível avaliar os seus processos estéticos e se eles se aproximam da realidade. Pretendemos também confrontar esses dois filmes de ficção com documentários para comparar seus métodos e estratégias narrativas no que diz respeito às suas relações com a realidade social objetiva. Os dois filmes selecionados para o estudo trabalham com relacionamento entre o “asfalto e a o morro”, e é através deles que a pesquisa busca um aprofundamento dos embasamentos teóricos adquiridos.

Discute-se ainda se um novo realismo que vem surgindo no cinema brasileiro contemporâneo. Essa nova forma de retratar o cotidiano, tendendo às vezes para o psicológico ou naturalista, define os impasses dessas vidas narradas pelos filmes. Vale ainda lembrar que “o documentário “real” pode e deve oferecer uma verdade objetiva, sem deixar de lado o tratamento criativo da realidade.” [2]

No primeiro filme analisado, *Era uma Vez*, percebe-se que, segundo Maria Mourão (2005) quando é apenas uma evidência, ele adquire uma noção ingênua da sua objetividade, e essa ingenuidade é passada para o seu público [2]. O mesmo não ocorre no filme *Quase Dois Irmãos*, cujo relato faz uso do senso comum. A história contada se aproxima mais da representatividade simbólica da realidade, apoiada na verossimilhança. Porém, o realismo estético utiliza alguns recursos expressivos que intensificam a representação de uma experiência cotidiana [1], mas isso não fere a noção de realidade.

Outro ponto abordado é à desmistificação da realidade, através da representação de uma experiência extraída do cotidiano que se atrela ao senso comum da percepção. A utilização do efeito do real, onde os detalhes acrescentam maior confiança e credibilidade à ambientação e a caracterização dos personagens. Contudo, o efeito do real também é visto se associado à retórica da verossimilhança, configurando um quadro mimético. Mas essa associação, segundo Beatriz Jaguaribe, acaba por mascarar os processos ficcionais imergindo no mundo da representação e não da realidade. [1]

E é através desse ponto de vista da autora Jaguaribe que nessa segunda parte do estudo focaremos nos relacionamentos vistos nos dois filmes selecionados, destacando suas diferenças e as diferenças e semelhanças com um caso real. Analisando detalhadamente o processo de formação daquela relação, ou seja, mostrar como os relacionamentos dos filmes apresentam a verossimilhança o efeito do real quando comparo ao caso real.

Por isso, este estudo pretende responder às seguintes perguntas: até onde o cinema alcança a realidade? Qual a diferença entre o cinema e a realidade? Como os relacionamentos abordados pelos filmes podem ser considerados como “reais”? Acrescenta-se aos questionamentos anteriores uma frase de Frus que diz que o realismo “não é o que nos dá uma documentação factual ou completa, mas produz alguma ilusão do mundo que reconhecemos como real.” [1] Mais um fator incluído nos estudos é a noção de hiper-real, assim como os acessos à realidade moldados pelos meios de comunicação que fornecem instrumentos para a criação e invenção do indivíduo, pondo em dúvida se o filme retrata as experiências vividas.

Conclusões

Assim, avalia-se que o cinema possui diferentes recursos para que a realidade seja retratada. A utilização de fatos ficcionais não faz com que a obra cinematográfica deixe de ser realidade, mesmo que sejam acrescentados detalhes e caracterização específica dos personagens.

Além de destacar que é perceptível que há uma necessidade de se alcançar diversos públicos, queremos mostrar como os filmes usam a narrativa para relatar alguns casos do cotidiano, como o de Nina e Dê do filme *Era uma vez*, independente de serem obras de ficção ou documentários.

Referências Bibliográficas:

1. JAGUARIBE, Beatriz. *O Choque do real: estética, mídia e cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007
2. MOURÃO, Dora e LBAKI, Amir (Orgs). *O Cinema do Real*. São Paulo: Cosac Naify, 2005
3. AUMONT, Jacques et alii. *A Estética do Filme*. São Paulo: Papyrus Editora, 1995
4. STAM, Robert. *Introdução à Teoria do Cinema*. São Paulo: Papyrus, 2003